

Globethics Repository



Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram [When sex, gender and sexuality meet]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Musskopf, André Sidnei
Publisher	Koinonia
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-17 11:24:37
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/223532

Editorial

0

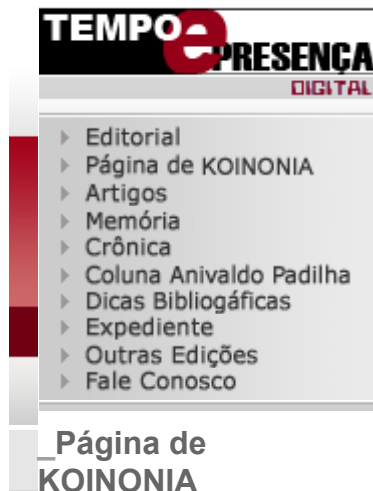
As, cada ano mais concorridas, Paradas Gays, em todo o mundo e, particularmente, no Brasil; os recorrentes, e cada dia mais freqüentes, casos de violência física e moral às mulheres; a multiplicação assombrosa de fatos relacionados à pedofilia; a permanência do estado de subalternidade das mulheres em relação aos homens e a continuidade da discriminação dos homossexuais revelam que, em que pese a luta permanente pela igualdade de gênero, muito ainda precisa ser feito em termos educacionais e formativos para a superação do estigma machista que impede a plena humanização de nossas sociedades. Sim, a desigualdade de gênero atravessa por igual todas as culturas e consagra uma concepção de mundo fundamentada na primazia do macho que nega o direito de todos os que nela não se enquadram a serem como são. Praticamente, em quase todas as formações culturais, especialmente entre aquelas que cimentaram as bases da civilização ocidental, hoje dominante, a desqualificação e o aviltamento das mulheres e dos homossexuais foi sempre articulada em favor da exaltação e sustentação do poder masculino. Isto teve e continua tendo conseqüências profundas em todos os âmbitos da experiência humana, dando origem e reproduzindo formas de convivência marcadas pela sujeição da mulher ao homem e pela desqualificação de outras opções sexuais assumidas tanto por homens como por mulheres, em aras da glorificação do macho como a condição ideal dos humanos.

Assim, as visões de mundo e as estruturas de sentido desenvolvidas por quase todas as manifestações religiosas primaram por construir formas de representações simbólicas em que o Sagrado, a expressão do segredo mais profundo da realidade, sempre foi apresentado em termos masculinos. No caso da civilização ocidental, fundada a partir do amálgama da cultura greco-romana com o cristianismo nascente, a masculinização da vida e da divindade não conheceu limites ao ponto de dar origem e fundamentar a uma falocracia da qual somos vítimas até nossos dias. Exemplo ilustrativo desta concepção está na declaração de S. Jerônimo, um dos mais importantes Pais da Igreja, do século IV que, hoje, nos soa como espantosamente inverossímil: *“Enquanto a mulher viver para o parto e as crianças haverá, entre ela e o homem, a mesma diferença que há entre corpo e alma: se, porém, ela quiser servir mais a Cristo do que ao mundo, ela não mais será mulher, e será chamada de ‘homem’.*”

Com textos provocantes e surpreendentes as (os) articulistas desta edição procuram mapear, explicitar e discutir algumas das principais questões que agitam hoje as relações de gênero em nossa sociedade, expondo os preconceitos e os desafios que se colocam para o seu adequado tratamento. A partir de diferentes experiências dos problemas abordados e tratando as questões com variados enfoques metodológicos, oferecem-nos uma rica e instigante discussão a respeito da posição de vulnerabilidade que, tanto as mulheres como os homens, estes presos às limitações da assimetria e da hipertrofia de seus papéis sociais, se encontram com respeito à vivência de sua sexualidade, à saúde reprodutiva, à violência de gênero, tanto doméstica como no espaço público, ao racismo e à religião. Chama a atenção neste tratamento da temática de gênero a crítica aos enfoques epistemológicos tradicionais que são objeto de uma provocadora análise que procura relativizá-los revelando seus condicionamentos histórico-culturais.

É isso aí!

Publicado em: 27/03/2008



GÊNERO: DA DESIGUALDADE À EMANCIPAÇÃO?

Ano 3 - Nº 8

Abril de 2008

Publicação Virtual de KOINONIA (ISSN 1981-1810)



1

“Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria.
 Que o mundo masculino tudo me daria
 Do que eu quisesse ter
 Que nada, minha porção mulher que até então se resguardara
 É a porção melhor que trago em mim agora
 É o que me faz viver
 Quem dera pudesse todo homem compreender, ó mãe, quem dera
 Ser o verão no apogeu da primavera
 E só por ela ser
 Quem sabe o super-homem venha nos restituir a glória
 Mudando como um Deus o curso da história
 Por causa da mulher”
 Super-homem, a canção - *Gilberto Gil*

Essa porção mulher de que fala Gilberto Gil, traz ao homem a VIDA, o pulsar, a emoção. Dá à razão a medida certa: a de uma inteligência emocional. E, que mulher é essa que faz com que a força dos sentimentos que desperta no homem o faça mudar as ordens do pai e alterar o proibido: o curso da história?

Que história é essa que precisa ser mudada? Que necessidade há nestes homens e mulheres que precisam ser transformados? Onde está o ponto de equilíbrio entre homens e mulheres para que possam se sentire plenos, realizados e felizes?

Vivemos um momento da história em que a razão está se mesclando à emoção. A docilidade se mesclando à brutalidade. A vontade de mudar se mesclando à vontade de se deixar ser mudado. A vontade de querer dar conta de tudo e de todos, com perfeição. E nem sempre o outro é perfeito.

Vivemos um tempo de parar e refletir... Da necessidade de ser por inteiro, nunca pela metade. É a vontade de ser homem e mulher, masculino e feminino.

Hoje estamos chegando ao ponto do equilíbrio, as mudanças não nos exigem os antigos parâmetros, mas apenas a aceitação da nossa essência diferenciada, de homens e

mulheres.

Atentar para o simples fato de mulheres e homens serem diferentes não apenas quanto à natureza, mas também quanto ao seu desempenho social, é o primeiro passo no difícil caminho que deve ser percorrido para garantir os direitos de cidadania.

Declarar que os seres humanos possuem direitos não basta para que eles os desfrutem na vida cotidiana; é necessário a aplicação desses direitos, que pressupõem grandes mudanças de mentalidade, legislações de apoio e de defesa.

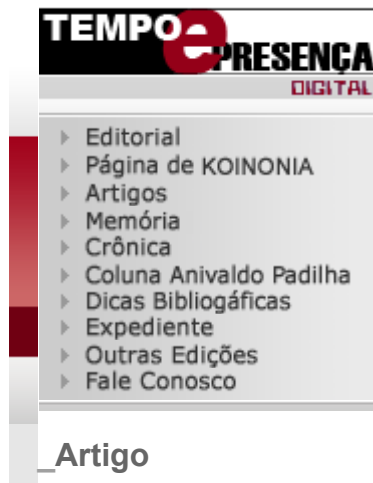
Estamos em processo de deslocamento dos valores mais tradicionais sobre o ser homem e o ser mulher na sociedade. É preciso estar atento às mudanças, que não menosprezam ou inferiorizam homens ou mulheres, muito pelo contrário, auxiliam em um processo de crescimento e aprendizagem.

Um novo homem e uma nova mulher, uma reconceituação das análises das relações de gênero poderá viabilizar uma melhoria na qualidade das relações entre homens e mulheres com respeito e dignidade. Enxergando no outro a completude, a cumplicidade e a equidade de gênero.



Imprimir

« Voltar



GÊNERO: DA DESIGUALDADE À EMANCIPAÇÃO?

Ano 3 - Nº 8

Abril de 2008

Publicação Virtual de KOINONIA (ISSN 1981-1810)



81

Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram

Por: André Sidnei Musskopf

*Nasceu com vagina e vestia roupas identificadas como femininas.
Através de procedimento cirúrgico construiu em seu corpo um pênis.
Veste roupas que identificam como homem.
Relaciona-se sexualmente com homens,
com pênis e que vestem roupas identificadas como masculinas.*

O mundo e o conhecimento que herdamos, em seu discurso normativo, tinha/tem tudo bem definido, como ordem natural, inclusive divina. As reivindicações dos movimentos identitários das últimas décadas têm questionado muitas destas certezas, tanto em termos políticos quanto de construção do conhecimento na academia. O objetivo deste artigo é mostrar algumas destas “desconstruções” sobre sexo, gênero e sexualidade, realizadas no âmbito dos Estudos Feministas, de Gênero, sobre Masculinidade, dos Estudos Gays e Lésbicos e da Teoria Queer. Mais do que isto, mostrar como as reflexões sobre gênero não podem estar desconectadas das reflexões sobre sexualidade, e vice-versa. O processo de construção de identidade sexual e de gênero expressa na epígrafe acima revela justamente a insuficiência das categorias identitárias disponíveis, desestabiliza noções fixas e relações naturais entre sexo, gênero e sexualidade, e aponta para a limitação de discursos assimilacionistas.

Algumas definições básicas

Antes de entrar na discussão sobre a articulação das categorias com as quais vamos trabalhar, é importante defini-las para que haja uma compreensão comum sobre a forma como elas serão utilizadas e o que se entende por cada uma delas. Há uma vasta bibliografia que discute e define estes conceitos, mas, correndo o risco de não esgotar os argumentos e explicações, apresentamos definições próprias que subsidiarão a discussão.

- **sexo** refere-se ao dado físico-biológico, marcado pela presença de aparelho genital e outras características fisiológicas que diferenciam os seres humanos como machos e fêmeas; além destas, a partir de pesquisas recentes, também o código genético precisa ser considerado na constituição do sexo, o que complexifica as definições neste âmbito, cujo principal exemplo são as inúmeras formas de intersexualidade;
- **gênero** refere-se ao dado social, formado por um aparato de regras e padrões de

construção corporal e comportamento que configuram a identidade social das pessoas a partir do substrato físico-biológico, do que resultam identificações como masculino e feminino, bem como as múltiplas variantes que desviam da norma, como androginia, travestismo, efeminação ou masculinização, por exemplo;

- **sexualidade** refere-se ao dado sexual, que se define pelas práticas erótico-sexuais nas quais as pessoas se envolvem, bem como pelo desejo e atração que leva a sua expressão (ou não) através de determinadas práticas. Esse dado também é chamado por alguns/as de “orientação sexual”, e comumente classifica as pessoas em “heterossexuais”, “homossexuais” e “bissexuais”.

Do Feminismo à Teoria Queer

Guacira Lopes Louro, em sua Conferência sobre a relação entre os Estudos Feministas, os Estudos Gays e Lésbicos e a Teoria Queer no II Congresso da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura afirmou que:

... os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria *queer* são campos teóricos e políticos marcados por afinidades e alianças e, ao mesmo tempo, atravessados por debates e divergências perturbadoras._¹

Na década de 70, o mundo ocidental presenciou uma efervescência de movimentos políticos contestatórios do *status quo* branco, rico, masculino e heterossexual. Dois destes movimentos que interessam de maneira especial aqui foram a Segunda Onda do Movimento Feminista e a organização do moderno Movimento Homossexual (de maneira simbólica instaurado a partir de 1969 com a Revolta de Stonewall). Concomitantemente a estes movimentos políticos desenvolveram-se os campos teóricos definidos como Feminismo e Estudos Gays e Lésbicos.

Os estudos feministas, ao incorporarem as categorias de gênero, forneceram um instrumental capaz de questionar, nas diversas áreas do conhecimento e em todas as esferas da vida, os padrões patriarcais que definem o que significa ser “mulher” (e conseqüentemente colocaram em questão o que significa ser “homem”, embora esta questão apenas muito recentemente tenha se tornado objeto de reflexão por parte dos homens). A desconstrução a partir destas categorias mostrou que, tanto homens quanto mulheres, aprendem a ser e viver como tal a partir de um complexo aparato de normas e regras de comportamento que definem os papéis de gênero. Desta forma, permitiram visualizar as conexões estabelecidas entre sexo (o dado físico-biológico) e gênero (o dado social) sem, muitas vezes, questionar a relação natural estabelecida entre esses dois e o dado sexual (a sexualidade), mantendo uma suposta orientação lógica do desejo para aquilo que se chama de “sexo oposto”. Assim, muitas vezes, não questionaram a estrutura heterocêntrica da sociedade ocidental, ignorando que os dados físico-biológico e social são atualizados nos corpos desejantes e excluindo uma multiplicidade de possibilidades de vivência da sexualidade localizadas fora dos padrões heteronormativos.

Os estudos gays e lésbicos utilizaram-se das categorias de gênero, mas desenvolveram seus estudos notadamente na área da sexualidade. Com o aprofundamento destes estudos e também com o questionamento advindo dos movimentos políticos, categorias como “homossexual”, “gay” e “lésbica”, mostraram-se demasiadamente limitantes para falar da diversidade de identidades sexuais construídas e vividas por integrantes destes movimentos. Estas categorias, muitas vezes, acabavam por essencializar uma identidade homossexual facilmente assimilada dentro do sistema patriarcal e heterocêntrico, mantendo-o intacto. Como afirma T. Spargo:

Bissexualidade, transsexualidade, sadomasoquismo e identificação transgênero todas implicitamente contestaram o ideal inclusivo da política assimilacionista. A incompatibilidade pode ser parcialmente interpretada como respeitabilidade. Se você quer ser uma parte igual de um mundo heterossexual provando quão comum, quão exatamente-como-você (mas talvez um pouquinho mais sensível ou artístico) você é, simplesmente não vai dar para ostentar os seus desejos e relações mais excessivas, transgressivas.²

Assim, no final da década de 80 e início da década de 90 começou-se a falar em Teoria Queer. “Queer” é um termo da língua inglesa, traduzido comumente como “estranho, esquisito, singular, excêntrico”. A partir desta acepção, o termo também é empregado, especialmente na América do Norte, para pessoas que não correspondem ao padrão heterossexual da vivência da sexualidade ou do papel de gênero correspondente ao seu sexo. Neste sentido, a apropriação do termo pela corrente acadêmica que se denomina Teoria Queer, como afirmam A. Stein e K. Plummer “é um jogo político na palavra *queer*, por longo tempo identificada como ‘homossexualidade’, e a mais nova série de ‘afirmações reversas’ na qual as categorias construídas através da medicalização são usadas contra elas mesmas”.³

A proposta central da Teoria Queer é romper com os dualismos (de maneira especial a oposição entre homo e heterossexual), desestabilizando uma estrutura social heterocentrada, construída ao redor do paradigma heterossexual. Assim, como afirma E. K. Sedgwick, uma das precursoras da Teoria Queer:

[A Teoria Queer refere-se a] uma trama aberta de possibilidades, brechas, sobreposições, dissonâncias e ressonâncias, lapsos e excessos de significado quando os elementos constituintes do gênero de alguém, da sexualidade de alguém não são feitos (ou *não podem ser feitos*) para significar monoliticamente.⁴

Neste campo teórico são inegáveis as contribuições dos estudos sociais, históricos, especialmente aqueles realizados no âmbito da teoria feminista. Assim como Eve Kosovski Sedgwick, Teresa de Lauretis e Judith Butler, precursoras da Teoria Queer, os estudos de muitas outras feministas serviram de inspiração e base para os/as teóricos/as que agora se colocam sob a categoria *queer*.⁵ Os estudos *queer*, no entanto, deram um passo além das análises de gênero, tornando a sexualidade um assunto de relevância acadêmica, não só nos discursos e estudos da medicina e psicologia, mas em áreas tão diversas quanto economia, sociologia, antropologia, política e religião. Através destes estudos quer-se mostrar como a vida social-política-econômica-cultural-religiosa está organizada a partir de um padrão heterocêntrico, no qual a maioria das pessoas não se encaixam, propondo uma outra alternativa a partir da experiência de vivências não-heterossexuais.

No contexto acadêmico brasileiro esta reflexão permanece um tanto invisibilizada. Embora inúmeros estudos estejam sendo desenvolvidos nesta área, utilizando a Teoria Queer como referencial teórico, sua popularização na academia continua sendo um desafio. Além dos estudos sobre a sexualidade brasileira que poderiam ser qualificados sob esta ótica,⁶ um exemplo da existência de uma pesquisa queer na academia brasileira é a articulação da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (ABEH) e alguns núcleos de pesquisa que têm se ocupado com a temática.⁷ Conforme G. L. Louro:

A força e a graça de lidar com as questões levantadas pelas feministas, pelos gays e lésbicas ou *queer* reside, justamente aí, nessa disposição de ser continuamente subversivo, nesta tendência a desobedecer.⁸

Quando sexo, gênero e sexualidade se des-encontram

Um dos temas que tem ganhado atenção recentemente no campo dos estudos de gênero é a questão da masculinidade. Embora seja um tema bastante recente e não muito pesquisado, há um grande número de trabalhos e publicações nesta área nos últimos tempos, sejam elas acadêmicas ou de cunho popular-consumista. Isto se deve à popularização do que se convencionou chamar “a crise do macho”. Esta expressão é usada para falar do desconforto de muitos homens diante das mudanças ocorridas desde a década de 70, especialmente com o avanço e visibilidade do Movimento Feminista e do Movimento Homossexual.⁹

Os estudos sobre masculinidade realizados dentro das categorias de gênero têm contribuído muito para a desconstrução de um modelo de masculinidade hegemônico e proposto e valorizado novas formas de ser homem. No entanto, muitas publicações, especialmente aquelas voltadas para o consumo mais popular, mas também algumas realizadas em círculos acadêmicos, na tentativa de desconstrução do papel do “macho” limitam-se à análise da sua relação com as mulheres e pressupõem a sexualidade heterossexual. Raramente se mencionam formas “alternativas” não-heterossexuais de masculinidade e suas contribuições para este debate.

Estas reflexões, de modo geral, ignoram as discussões realizadas no âmbito dos estudos gays e lésbicos e da teoria *queer*. Preservam uma dicotomia entre homens e mulheres, entre masculino e feminino, geralmente fundamentadas nas categorias jungianas *animus* e *anima* para falar de elementos masculinos e femininos presentes em homens e mulheres. L. Boff, por exemplo, assim define o princípio feminino:

O feminino no homem e na mulher é aquele momento de mistério, de integralidade, de profundidade, de capacidade de pensar com o próprio corpo, decifrar as mensagens escondidas sob sinais e símbolos, de interioridade, de sentimento de pertença a um todo maior, de guardar no coração, de poder gerador e nutridor, de vitalidade e espiritualidade.¹⁰

Se estes princípios se fazem presentes nos seres humanos diferentemente através de características de comportamento específicas, como se justifica a construção dualista masculino/feminino? A partir destes princípios definem-se características sobre o que corresponde ao homem e à mulher, e a necessidade de valorização do princípio feminino nos homens. Isso não significa que nas reflexões sobre o papel social de homens e a necessidade de desconstrução o tema da sexualidade não esteja presente. Ele está. Até porque o que significa ser homem está ligado diretamente a um tipo de sexualidade que se espera dele. Conforme Diego Irrarazaval: “Uma sexualidade hegemônica masculina é violenta e competitiva; deve ser demonstrada de forma quase obsessiva; está centrada no pênis; é homofóbica e intolerante com relação aos homossexuais; é irresponsável”.¹¹ No entanto, as discussões de gênero centram-se na reflexão sobre a sexualidade normativa, sem aprofundar o debate a partir da experiência concreta de muitos homens e muitas mulheres, talvez a maioria deles e delas, que não se encaixam nesta norma. Além disso, não estabelecem suficientemente a relação entre os papéis gênero e a vivência da sexualidade.

As reflexões sobre gênero, se desvinculadas das reflexões sobre sexualidade desenvolvidas no âmbito dos Estudos Gays e Lésbicos e da Teoria Queer, correm o risco de criar outras identidades estáticas, pretensamente libertas, quando ainda excluem uma multiplicidade de possibilidades, tanto com relação ao próprio papel social desempenhado por homens e mulheres, quanto pela vivência do seu desejo expresso através da sexualidade.

Corporeidade – Onde sexo, gênero e sexualidade se encontram

O que sexo, gênero e sexualidade têm em comum, assim como com todas as outras características que compõem as identidades dos seres humanos, é que elas são significadas em nossos corpos. O termo “corporeidade”, não se refere apenas ao corpo humano como conjunto de órgãos e partes, mas ao ser humano enquanto presença corporal e a sua relacionalidade consigo mesmo, com outras pessoas, com a natureza e com a divindade. É a forma como existimos e damos significado à nossa existência. Neste sentido, o corpo é a “superfície de inscrição de valores” tanto sociais quanto sexuais. Os papéis de gênero são construídos sobre os corpos com sua constituição físico-biológica única e vivenciados através de uma sexualidade específica.

Tradicionalmente a relação entre estes três elementos que fazem parte do processo de construção da identidade têm sido definida como uma seqüência lógica onde, a um sexo físico-biológico corresponde um determinado comportamento de gênero e uma maneira específica de vivência da sexualidade. Conforme G. L. Louro: “A coerência e a continuidade supostas entre sexo-gênero-sexualidade servem para sustentar a normatização da vida dos indivíduos e das sociedades”.¹² A Teoria Queer, ao abrir-se para possibilidades múltiplas de relação entre estes três aspectos rompe com esta lógica, reconhecendo a vivência de formas alternativas. Abordar o tema da corporeidade desde a Teoria Queer permite desconstruir estereótipos de gênero e sexuais, utilizando o corpo e suas experiências subversivas como paradigma hermenêutico.

Alguns modelos de corporeidade *queer* nos ajudam a perceber as limitações de nossas análises de gênero quando desvinculadas da reflexão sobre a sexualidade em suas múltiplas e inúmeras manifestações. Guacira Lopes Louro menciona o exemplo da *drag queen* que explicitamente fabrica o seu corpo e, segundo a autora:

...repete e subverte o feminino, utilizando e salientando os códigos culturais que marcam esse gênero. (...) Sua figura insólita ajuda a lembrar que as formas como nos apresentamos como sujeitos de gênero e de sexualidade são, sempre, formas inventadas e sancionadas pelas circunstâncias culturais em que vivemos.¹³

Em outro texto¹⁴, além de fazer referência às *drag queens*, trabalhei com o exemplo de travestis, *strippers* e transformistas, para propor a “corporeidade” como paradigma hermenêutico capaz de ajudar na desconstrução de modelos engessados de vivência de gênero e sexualidade construídos e codificados nos corpos. Enquanto que *strippers* buscam ressaltar as formas consideradas masculinas para despertar o desejo, transformistas constroem em seu corpo masculino uma figura feminina ideal, subvertendo as prescrições de seu sexo e gênero, e travestis utilizam ainda medicamentos e cirurgias construindo seu corpo e uma determinada vivência da sexualidade. Todas estas pessoas constroem seu corpo, em situações e por motivos diversos, atribuindo-lhe significados que misturam sexo, gênero e sexualidade fora do paradigma heterocêntrico.

O exemplo de construção de sexo, gênero e sexualidade descrito no início deste texto apresenta uma pessoa que nasceu com características físico-biológicas femininas, fez cirurgia de adaptação de sexo e se identifica como um homem gay. Dentro de uma perspectiva heterocêntrica poder-se-ia inferir que, se esta pessoa sentia atração erótico-sexual por outros homens, melhor se permanecesse com uma construção físico-biológica feminina. Isto também evidencia o fato de que até a linguagem, por heterocêntrica, é limitada para expressar esta realidade. Neste caso, no entanto, sexo, gênero e sexualidade se misturam de uma maneira surpreendente para quem está acostumado a um padrão único de relação entre estes aspectos da vida humana e exigem novas formulações. Pois, quando sexo, gênero e sexualidade se encontram, as possibilidades são múltiplas.

Falando da produção teórica no campo da Teologia nos últimos 40 anos, Peter T. Nash afirma que:

De alguma maneira, os grandes Pais da Teologia desde o primeiro século até a metade do século XX são apresentados como tendo praticado a sua arte sem nenhum contexto social e, então, subitamente, asiáticos, mulheres, negros, gays e latino-americanos começaram a infectar a pureza teológica com seus corpos e suas perguntas e afirmações em torno do corpo.¹⁵

É meu desejo e o nosso trabalho fazer com que esta infecção se generalize, em todos os campos de construção de saber e prática social, permitindo cada vez mais encontros entre sexo, gênero e sexualidade, já que a vida está cheia deles, mesmo quando os padrões e as normas querem domesticar os corpos e limitar as possibilidades de expressão do desejo humano.

André Sidnei Musskopf, Mestre em Teologia e Doutorando no IEPG/EST, Bolsista CNPQ (asmusskopf@hotmail.com)

Referências Bibliográficas

- ABEH. **Discursos da diversidade sexual**: lugares, saberes, linguagens. CD Rom. Belo Horizonte: Atelier 31, 2006.
- IRRARAZAVAL, Diego. **Felicidad masculina – Una propuesta ética**. Caderno, Chucuito, Peru, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade – Vol. 1**. 14a ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- LOPES, Denilson. **Estudos gays e estudos literários** (disponível em <http://www.ufrj.br/pacc/beatriz.html>).
- LOPES, Denílson et al (org.). **Imagem & diversidade sexual**: Estudos da homocultura. São Paulo: Nojosa, 2004.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.
- LOURO, Guacira L. 2004. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria *queer* como políticas de conhecimento. In: LOPES, Denilson et. al. (org.). **Imagem & diversidade sexual – Estudos da homocultura**. São Paulo, Novas Edições, p. 23-28.
- MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. **Feminino e masculino**. 4a edição. Rio de Janeiro : Sextante, 2002.
- MUSSKOPF, André S. 2004. Queer: Teoria, hermenêutica e corporeidade. In: TRASFERETTI, José (org.), **Teologia e sexualidade – Um ensaio contra a exclusão moral**. Campinas, Átomo, p. 179-212.
- MUSSKOPF, André S. Identidade masculina e corporeidade – Uma abordagem *queer*. In: MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga J. (org). **Corporeidade, etnia e masculinidade – Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 80-107.
- NASH, Peter T. **Reading race, reading the Bible**. Minneapolis : Fortress Press, 2003.
- SANTOS, Rick; GARCIA, Wilton (eds.) **A Escrita de Adé**: Perspectivas Teóricas dos Estudos Gays e Lésbic@s no Brasil. São Paulo: Nassau Community College/Xamã/ABEH, 2002.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Tendencies**. Durham : Duke University Press, 1993.
- SPARGO, Tamsin. **Foucault and Queer Theory**. New York : Totem Books, 1999.
- STEIN, Arlene e PLUMMER, Ken. 1996. “I can’t even think straight”: “Queer” Theory and the missing sexual revolution in sociology. In: SEIDMAN, Steven (edit.). **Queer**

Theory/Sociology. Oxford, Blackwell Publishers, p. 129-144.

TURNER, William B. **A genealogy of Queer Theory**. Philadelphia, Temple University Press, 2000. 356p.

Versões deste texto foram publicadas na Revista História da Unisinos e na Revista Prática & Reflexão do CECA

G. L. LOURO, **Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento**, p.23.

T. SPARGO, **Foucault and Queer Theory**, p. 31.

A. STEIN; K. PLUMMER, “**I can’t even think straight**”, p. 134. “Medicalização” é um conceito que se refere aos estudos desenvolvidos em torno da homossexualidade no século XVIII e XIX no campo da medicina e da psicologia e psicanálise que acabaram por criar o que M. FOUCAULT, **História da sexualidade – Vol. 1**, p. 43-44 chamou de “uma nova espécie”. Segundo ele: “a sodomia – a dos antigos direitos civil ou canônico – era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX tornou-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também uma morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. (...) A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androginia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie”.

E. K. SEDGWICK, **Tendencies**, p. 8.

Conforme W. B. TURNER, **A genealogy of Queer Theory**, p. 5, “As preocupações de teóricos/as queer por sexualidade, gênero, e a relação entre os dois, assim como suas ramificações políticas e intelectuais, crescem distintamente da atividade acadêmica e política feminista tanto quanto, senão mais do que, da atividade acadêmica e política gay”.

Conforme D. LOPES, **Estudos gays e estudos literários**: “No caso brasileiro, se não podemos falar de um campo ainda, também não podemos proceder como se nada houvesse sido feito. Se a base para a emergência dos estudos gays e lésbicos, em última instância, remete a constituição do que Foucault chamou de sexo rei na segunda metade do século 19 e da necessidade de se demarcar entre uma heterossexualidade e de uma homossexualidade (...) é de vital importância os trabalhos que foram feitos pela história, antropologia e psicanálise brasileiras e brasilianistas, no sentido de conhecer melhor a sexualidade brasileira, como os trabalhos de Peter Fry, Edward MacRae, Néstor Perlonger, Luiz Mott, Maria Luiza Heilbron, Richard Parker, Jurandir Freire Costa, Carlos Alberto Messeder Pereira, James Green, Tânia Swain, entre outros” (disponível em <http://www.ufrj.br/pacc/beatriz.html>).

Veja informações sobre a ABEH em www.unb.br/fac/abeh/, e <http://www.fafich.ufmg.br/~abeh/historia.htm>. Veja anais dos congressos da ABEH: R. SANTOS; W. GARCIA (eds.), **A Escrita de Adé**; D. LOPES et al (org.), **Imagem & diversidade sexual**; ABEH, **Discursos da diversidade sexual**.

G. L. LOURO, **Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento**, p.25.

Veja sobre este assunto A. MUSSKOPF, **Identidade masculina e corporeidade – Uma abordagem *queer***.

R. M. MURARO; L. BOFF, **Feminino e masculino**, p. 75-76.

D. IRRARAZAVAL, **Felicidad masculina**, p. 18.

G. L. LOURO, **Um corpo estranho**, p. 88.

G. L. LOURO, **Um corpo estranho**, p. 86.

A. S. MUSSKOPF, **Queer: Teoria, hermenêutica e corporeidade**.

P. T. NASH, **Reading race, reading the Bible**, p. 26.



Imprimir

[« Voltar](#)

